

31 de julho de 2022 nº 9

Tatuí, SP

jornal

BULI

 CONSERVATÓRIO DE TATUI





Sumário

No frescor da hora

3

Laroyê

Tadeu Renato

6

À lei do acaso

Tadeu Renato

Crônica do dia seguinte

9

Milagres, ou Todo dia é dia de Maria

Murilo Henrique Delesposti

10

Um corpo PRESENTE no FUTURO ou Chão de terra batida

Turma 72

13

Oficina de teatro de rua

Max Holyd

14

Antes de começar

Fernando Machado

Expediente

15

no frescor da hora

Laroyê

Tadeu Renato

*apreciação da criação em processo Maria Preta
a partir do painel conduzido pelo VQV
Lígia Helena de Almeida, Hideki Okutani e Thaís Póvoa*

*Abra a cancela, Exu, deixa a mulher passar
Ponto de Exu e Maria Padilha*

Cultuado pelo povo lorubá no continente africano e parte da cosmologia do Candomblé, Exu é o orixá da comunicação, da linguagem e dos caminhos. É a força que abre encruzilhadas, faz nó no pensamento, faz ponte entre céu e terra. Exu é aquele que coloca os opostos em dança, faz pensar o mundo em modos mais complexos, fora da lógica binária ocidental de opostos. Tudo pode e não pode ser. Muito se tem falado de Exu nas artes brasileiras contemporâneas, sinal de uma época que não quer mais a repetição de velhas mentalidades, que deseja abertura para o novo, momento histórico de afirmação das raízes negras de um país que sempre teimou, oficialmente, em embranquecer suas representações, relegando aos corpos negros e indígenas um lugar violentamente exótico. Partir de uma epistemologia que tem Exu e suas encruzilhadas por base é forçar o pensamento e a ação para lugares muito distintos daqueles que usualmente são base para dar significados aos recortes que chamamos de realidade. Sinal disso é a presença de diversos trabalhos no 27º FETESP que tem nessa figura e seus desdobramentos (como a noção de Tempo Espiral, por exemplo) um eixo de criação. O orixá pode e deve ser tomado tanto por seu aspecto espiritual como conceitual, pelas ideias que representa quando nos chama para ver no teatro - espaço político desde seu nascimento - pessoas negras construindo linguagens e presenças, reivindicando sua história e sua existência através de seus símbolos.

Maria Preta, a criação em processo apresentada por aprendizes da Escola Livre de Teatro de Santo André, compreende que o conteúdo que deseja expressar exige formas distintas, teatralidades 3

no frescor da hora

que brotam de referências ritualísticas presentes nas manifestações culturais de origem afrocentradas. A peça se inicia antes mesmo que o público adentre o espaço da apresentação: desde o saguão observamos elementos que nos indicam que a partir daquele ponto é preciso se abrir para outras camadas de percepção. A espada-de-santa bárbara fincada na terra aponta que ali também é o lugar de Iansã, a orixá que é vento e tempestade, mulher-alvorço. No espaço cênico, o tambor dá o pulso do rito: uma atriz faz o preparo, bate cabeça para a árvore ancestral colocada ao centro, planta suas guias e seu terço nos galhos secos. Canta e convoca a narrativa pessoal que se divide entre o depoimento e a poética. Maria Preta é a avó da protagonista, mulher cujas marcas biográficas não dizem respeito somente ao contexto biográfico da atriz, sendo também uma figura mítica que é alegoria de muitas mulheres, agredidas pelo machismo e pela economia. Mãe que vê seu filho sendo “confundido” (corpos negros são todos iguais em uma sociedade racista) e tornado bandido aos olhos da justiça. Mãe que perdeu muitas crias, que se colocou na frente de armas para defender a prole. Aquela que fez o parto de todo um bairro e foi esquecida. Candomblé e teatro, acontecimentos em coletividade, unidos de maneira respeitosa em relação às práticas religiosas e que escapa muito bem do risco de ser mais uma peça sobre um eu. Mesmo sendo um solo (apesar da presença constante do músico), é bonita a generosidade com que toda a equipe se entende como coletivo, caminhos cruzando terra.

O texto articula bem sons e imagens, de maneira que ainda pode ser melhor explorado em suas nuances para que se mostrem com mais potência as estruturas poéticas da dramaturgia. E como se trata de um espetáculo que se vale do rito, seria estimulante investigar a ocupação do espaço de um jeito menos frontal e chapado, fisicalidade em espirais que tomem conta do ambiente. Vida longa a essa pesquisa, pois Maria Preta merece isso.

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*



no frescor da hora

À lei do acaso

Tadeu Renato

apreciação do espetáculo *Édipo Rei*
a partir do painel conduzido pelo VQV
Lígia Helena de Almeida, Hideki Okutani e Thais Póvoa

Em seu livro *Poética*, o filósofo grego funda aquilo que hoje chamamos de estudos literários: a análise crítica da composição de textos de diversos gêneros estilísticos. O filósofo tem predileção pelo poema dramático, isso é, pela dramaturgia, pois para ele o teatro é a linguagem artística onde todas as outras se encontram: a dança, a atuação, a música, a plasticidade (e hoje podemos pensar também no audiovisual) e a poesia. O livro serviu como um guia sobre como estruturar uma dramaturgia, modelo que ainda hoje é repetidamente copiado em manuais de roteiros de cinema, por exemplo. O teatro abandonou tais fundamentações há tempos – ainda que a *Poética* mereça ser estudada como ferramenta – se abrindo para novas formas de narrativa. No entanto, o texto no qual Aristóteles enxerga o melhor acabamento é uma dramaturgia que permanece um enigma a ser relido. Trata-se de *Édipo Rei*, parte da trilogia tebana escrita por Sófocles (século V a.C), a tragédia do soberano que, ao tentar acabar com a peste que assola seu reino, se descobre assassino do próprio pai e amante de sua mãe biológica.

Alunas e alunos da Escola de Teatro Sérgio Mamberti, da cidade de São José dos Campos, enfrentaram o desafio de encenar essa peça como parte do processo pedagógico em que estão inseridos, a saber: o estudo da Tragédia. Partir de um texto já escrito e, neste caso, muito antigo, colocam-se algumas questões para quem o encena: ainda tem sentido levar ao palco essa história, para além de sua estética? Quais motivos atuais tornam relevante trazer ao público o diálogo com essa tragédia? A montagem apresentada no FETESP 2022 busca modernizar a história ao propor uma linguagem formal que passa por referências do rock, do punk, dos jogos virtuais e de figurinos e corpos que lembram quadros do pintor renascentista Hieronymus Bosch. Esse trânsito de referências

no frescor da hora

se encontra em filmes sobre futuros distópicos, por exemplo. É provocador um processo cênico que promova esses atritos temporais, porém a montagem ainda permanece na superfície do que poderia ser. Já que a encenação propõe uma estética inventiva em relação ao texto clássico, por que não radicalizar a pesquisa? Como sair de um corpo sempre em relação frontal e com triangulações para sugerir outras formas de ocupar o espaço? Seria muito potente manter-se o texto clássico em uma forma mais ousada, que timidamente se aponta na montagem a que assistimos.

Para muitas e muitos presentes em cena, essa é a primeira experiência em teatro e uma montagem mais ousada talvez demandasse mais tempo do que tiveram. No entanto, ao fazerem a escolha pela atualização da peça, é importante que se atentem tanto aos significados dos elementos colocados em cena – pois tudo tem significado – quanto pelo próprio mito. O que significa esse aspecto apocalíptico da cena? Por que a escolha por músicas que parodiam canções conhecidas? Como lidar com um texto, cuja métrica é tão difícil, em contraste com gestualidades mais ativas?

Trazer para a atualidade a história de um déspota cuja arrogância pode levar à morte toda uma população por conta de uma peste, aponta para um contexto histórico do qual se pode fazer analogias contemporâneas. Trata-se de uma peça política, à medida que o coro dos cidadãos está não somente pedindo ajuda do rei, como se colocando em embate com este, chamando-o a razão. O fato de Édipo ter os pés inchados – e, portanto, estar em desequilíbrio quando caminha – precisa ser pensado como metáfora de um chefe de Estado estar em desalinho com a vontade geral. Como não enfraquecer a força do coro, que representa um povo em luta pela sobrevivência? Como fazer da tragédia de Édipo Rei um oráculo que fale sobre as tragédias de nossa *pólis* hoje?

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*



crônica do dia seguinte

Milagres, ou Todo dia é dia de Maria

Murilo Henrique Delesposti
estudante 2º ano Curso de Artes Cênicas
Conservatório de Tatuí

A cada mil lágrimas sai um milagre
Itamar Assunção

Dia Trinta de Julho de Dois Mil e Vinte e Dois. Hoje é sábado, mas também é quase quarta. Amanhã, o último bloco do festival irá desfilar na avenida Procópio Ferreira. Hoje, debaixo de arcos da apoteose, Maria Preta foi porta-bandeira de si. Na comissão de frente, Exu - a boca que tudo come - engole o choro e regurgita luta. Quantos milagres nasceram da barriga da miséria? Quantas Marias pariram em meio a canaviais? Quantos anos mais? Quantas vidas mais?

O Padê de Exu - rito que antecede as cerimônias religiosas do Candomblé - vem da palavra lorubá “ipadé”, que significa “reunir com”, “por intermédio de”. Maria Preta é isso: uma reunião da negritude, suas dores e prantos, por intermédio do reino encantado do xirê. Que Pai Oxóssi abençoe esse espetáculo com seu Ofá e abra os caminhos dos atores. Vida longa a todas as Marias Pretas do Brasil!

Quanto ao espetáculo noturno, ficam duas coisas: por que montar a tragédia das tragédias no trágico Brasil de 2022? Quantas vidas desse país cumprem com seus trágicos destinos profetizados desde seu nascimento?

Por aqui, quase quarta-feira de cinzas. A cidade sente o derradeiro feitiço findar. A tenda do FETESP se preparando para ser desmontada. O bloco passou! Resta para nós os ecos que ficam.

crônica do dia seguinte

Um corpo PRESENTE no FUTURO ou Chão de terra batida

*Pensado por Todes da turma 72
EAD - Escola de Artes Dramáticas*

*Pra curar cicatriz, é preciso raiz
Plantar na terra o corpo que encerra o ciclo da guerra com força
motriz, ensina essa gente
que tá doente a virar semente pra ser feliz
Clarianas*

Nutrir a terra é necessário para que a semente
possa germinar...

Estamos felizes apesar do cansaço.
A paixão aqui é a do encontro.
Estamos mais preocupades com o gozo do que
com o desejo.
Nossas vozes são ancestrais.
Encontro também é reconhecimento.
Chegando ao fim da estadia o que sentimos é
Reciclagem.
Falar do dia é pensar passado no futuro.
O Tempo aqui é espiralar
Lugares diferentes e os mesmos assuntos.

Tempo

Corpos de trabalho.
Descansar enquanto trabalha.

Desejo

Generosidade
Ferida
Ancestralidade
Celebração

Arrepios
Sonho
Gratidão

crônica do dia seguinte

Encontro e reflexão
Satisfação
Confirmação
Coletividade
Presença

Pulsão... Pulsão é o impulso de se lançar.
Nos lancemos

Felicidade
Cura
União
Expectativa
Preenchimento
Troca
Encontro
Compartilhamento
Celebração

Afeto
Memória
Realização
Desejo
Manifesto
Revisão
Afeto
Sonho
Saudade

A escrita aqui se estabelece como um rito que se faz a partir do coletivo. Nossas ideias juntas se transformam em unidade. Existe força em criar na partilha.

Acreditemos!



crônica do dia seguinte

Oficina de teatro de rua

Max Holyd

*2º ano Curso Teatro Adulto
Conservatório de Tatuí*

Durante esse processo, vivenciado na oficina de teatro de rua, senti uma liberdade por conhecer novas visões em relação aos espaços de trabalho do ator. A rua tem uma reverberação que me modifica, a rua é pública, e nela temos a liberdade de apresentarmos nosso fazer artístico ao público, e estarmos com ele em constância. A rua é algo em movimento: carros, pessoas, animais, e todas as intervenções que reverberam, movimentando aquele pequeno instante, onde o tempo se torna um novo ciclo. Uma história que transforma, com temas que o público pode construir com seus olhares. A energia que sinto a cada momento, aprendendo foco em pequenos detalhes, as cores em seus vários tons, as flores espelhadas com uma beleza que em um minuto podemos observar. Detalhes da timidez ou do ser humano a aprender, conhecer e utilizar os gestos sinceros que podem tocar a alma, experiências que me motivam a continuar a conhecer as novas histórias, assim nos tornando seres humanos melhores.

ainda reverbera

Antes de começar

Fernando Machado
3º ano Curso de Artes Cênicas
Conservatório de Tatui

Dança-se virtualidade, máscaras e virtualidade. Habitual nos dias passados, ainda habito sugerido em dias presentes. Evidenciados. Tecido pulsante, saias, vestidos e babados que voam em instantes.

Não me vejo em quadrados da projeção, mesmo que tentem me enquadrar. Ouço cadeiras pedindo para que se sentem. Vozes que não se calam e que não compreendem. Tampouco querem compreender. Vamos andar em quadrados, sentar em cadeiras quadradas, viver segurando objetos quadrados que nos serviriam de encaixes quadrados.

Mas os quadrados assumem outras formas em cima do palco. Da plateia, é possível vê-los se transformarem magicamente. Do palco, entende a quem pisa como: cru, árido e quadrado.

Andem pelo espaço! Espacem! Dancem os ruídos além do som.

Escrevo em aparelho quadrado, aparelho em mãos quadradas.

Queria permitir-me dançar como os outros dançam
Rosa, verde, roxo, azul, vermelho, branco, preto, marrom

Que cores tem a virtualidade em cima do palco?

Não enxergo em projeções, cores, vídeo. Primeiro sinal
Vem até mim, vem até nós. Nos projetam - nós
projetamos. Segundo sinal.

Luzes encolhem, música cessa. Bem vindos - blá-blá-blá.

Atorizes

Terceiro sinal

De fato, é agora mais do que nunca.

Expediente

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Arte gráfica

Luiza Lorenzetti

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Textos

Tadeu Renato

Murilo Henrique Delesposti

turma 72

Max Holyd

Fernando Machado

Colaboradores(as)

Arielle Barbosa [bolsista estagiária em Produção Cênica]

Camila Barbagallo

Camila Alomba

Colaborador convidado

[Organizador da seção Fermentação Natural]

Judson Cabral

Fotógrafo

João Maria

**Esta publicação foi atualizada em 31/07 às 16h37*

Leia também a [Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatui](#)